

CANTIGAS POPULARES E LITERATURA INFANTIL¹

POPULAR SONGS AND CHILDREN'S LITERATURE

Laura Emanuela Gonçalves Lima²

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos³

RESUMO

Alexina de Magalhães Pinto foi uma professora, folclorista e escritora mineira que registrou alguns cantos da tradição oral/flutuante, em seu livro *Cantigas das crianças e do povo e danças populares* (1916). Demonstrando uma dedicação às crianças nos primórdios da literatura infantil brasileira, a obra da autora corrobora com a ideia de transmissão da nacionalidade e história

1 Uma versão preliminar deste texto foi publicada nos anais do XII Seminário Nacional de Literatura na Universidade Estadual de Montes Claros (ISSN: 1984-0497, 2018).

2 Mestranda no programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários na Universidade Estadual de Montes Claros. Graduação em Letras/Português na Universidade Estadual de Montes Claros. Graduação em Engenharia Civil nas Faculdades Integradas do Norte de Minas. Tenho uma experiência razoável com o Inglês e com a Informática.

3 Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília-UnB (2011); mestre em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFGM (2005); pós-doutora pela Universidade de São Paulo-USP (2018). Professora na Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES. Integra os seguintes Grupos de Pesquisas: Estudos Literários-GEL/UNIMONTES, GT Vertentes do Insólito Ficcional (da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística-ANPOLL), A narrativa ficcional para crianças e jovens: teorias e práticas (UERJ/CNPq) e Produções Literárias e Culturais para Crianças e Jovens (FFLCH-USP/CNPq). Participou como parecerista do processo de Avaliação e Seleção de obras de Literatura do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE/2015), coordenado pelo CEALE/UFGM (executado pelo FNDE/SEB/MEC). Coordenadora do Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência - PIBID/UNIMONTES (com bolsa da CAPES). Membro da equipe de Coordenação Pedagógica do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2018 - Literário, da Secretaria de Educação Básica/Ministério da Educação.



brasileira a partir dessa modalidade de expressão cultural. Esse trabalho tem como objetivo refletir sobre a validade dessas cantigas infantis em estudos da literatura infantil contemporânea, destacando a capacidade desses cantos de ensinar diversas formas de interpretações, desde o social e o político ao lúdico e o mágico.

Palavras-chave: Literatura infantil; cantigas populares; Alexina de Magalhães Pinto.

ABSTRACT

Alexina de Magalhães Pinto was a teacher, folklorist and writer from Minas Gerais who recorded some songs of the oral / floating tradition, in her book *Cantigas das crianças e do povo e danças populares* (1916). Demonstrating a dedication to children in the early days of Brazilian children's literature, the author's work corroborates the idea of transmitting Brazilian nationality and history from this modality of cultural expression. This work aims to reflect on the validity of these children's songs in studies of contemporary children's literature, highlighting the ability of these songs to provide different forms of interpretation, from social and political to playful and magical.

Keywords: Children's literature; popular songs; Alexina de Magalhães Pinto.

Um olhar lançado sobre nossa história [...] a história não escrita, a tradição fluctuante e indecisa de nossas origens e ulterior desenvolvimento [...] irá descobrir, não sem alguma dificuldade, os primeiros lineamentos de nossas lendas e canções populares. Não existem documentos escriptos de taes factos; os documentos são as lendas e canções mesmas, que são agora pela primeira vez fixadas pela escripta. SÍLVIO ROMERO (1897)

Sílvio Romero, em *Cantos Populares do Brasil* (1897), comenta sobre a impossibilidade de determinarmos uma data definitiva de criação dos cantos populares, pois são cantos que flutuam no tempo. Ainda assim, os cantos demarcam períodos históricos, são formas de transportar memórias e recordações: “todos deviam cantar, porque todos tinham saudade; o português de seus lares, d'além mar, o índio de suas selvas, que ia perdendo, e o negro de suas palhoças, que nunca mais havia de ver” (ROMERO, 1897, p. III).

Devemos considerar que os primeiros contatos com a literatura no Brasil se deram por meio de formas orais. Eram histórias trazidas pelos portugueses, mitos, lendas, cantos e contos dos povos indígenas e africanos e até mesmo, histórias criadas pela população local, baseadas no cotidiano ou na própria criatividade. Todas essas histórias eram passadas de geração a geração e muitas permanecem até hoje, principalmente as narrativas recolhidas por escritores que, ao registrá-las, não permitiram que fossem perdidas – salvando-as, portanto, do *Letes* (rio do esquecimento).

Luís da Câmara Cascudo, em *Literatura Oral no Brasil* (2012), confirma que as pesquisas pioneiras de Sílvio Romero foram significativas para a Literatura Oral e compara o popular com o folclore. Segundo o autor, nem toda produção popular é folclórica, ou seja, para ser folclórica devem ser considerados alguns elementos característicos, sendo eles: a antiguidade, a persistência, o anonimato e a oralidade.

Ao falar dos cantos e danças, Cascudo (2012) valida essas práticas como sendo naturais e instintivas do brasileiro para expressar a alegria⁴; para ele, em outros países essa forma de comunicação seria difícil. O pesquisador discute também sobre a dificuldade de definirmos a origem desses cantos e danças, restando apenas deduções e hipóteses de aproximação aos africanos, indígenas, portugueses e ameríndios.

O importante é que são essas características incertas que conferem perpetuação às cantigas por tantos anos e existem diversas contribuições desses povos a serem observadas nos cantos, que vão da linguagem ao ritmo.

A relevância do folclore para a literatura infantil é evidente. Escritores e estudiosos do gênero, como Nelly Novaes Coelho, em *A literatura infantil: história, teoria, análise* (1984), já expuseram que as narrativas folclóricas sempre conquistaram o público infantil, especialmente por conterem aspectos mitológicos, lendários e maravilhosos e que muitas obras nasceram no meio popular.

Para Cecília Meireles, em *Problemas da literatura infantil* (1979), “as bibliotecas, antes de serem estas infinitas estantes, com as vozes presas dentro dos livros, foram vivas e humanas, rumorosas, com gestos, canções, danças entremeadas às narrativas” (MEIRELES, 1979, p. 42).

Outro estudioso também descreve essa atração das crianças pelo folclore. No ensaio *Literatura Infantil* (texto que integra a obra *A literatura no Brasil*, organizada por Afrânio Coutinho), Renato Almeida (2003) sustenta a ideia de que “o folclore tem sido a grande fonte da literatura infantil, não só pelo fabuloso, mas pelo trato dos assuntos e talvez por aquela semelhança entre a mentalidade infantil e a primitiva” (ALMEIDA, 2003, p. 202).

A literatura infantil, na contemporaneidade, vem ganhando novos traços, não apenas vem promovendo uma maior difusão de conhecimento para as crianças (o que é pedagógico e didático e, por isso, secundário quando se trata de arte literária), mas – e principalmente – oferecendo-lhes oportunidades de experiências estéticas inusitadas, inclusive pela diversidade de temas, autores e realidades que essa modalidade artística re(a)presenta. Outro aspecto importante de se destacar na literatura infantil contemporânea é a intertextualidade – ou transtextualidade (para lembrarmos aqui dos estudos de Gerard Genett): a imensidão de produções de épocas e contextos diferentes, de gêneros e suportes variados, de autores e autoras de diversas origens que têm sido retomados pela literatura destinada às crianças, de forma a colaborar para a ampliação do seu repertório cultural.

Em tempos passados não havia essa consciência, essa preocupação com o mundo infantil e com a criança em si. O estudioso Philippe Ariès, em *História social da infância e da família*

4 A afirmação do pesquisador pode ser cotejada a outros estudos sobre as manifestações de outros povos e culturas, a fim de se confirmar a hipótese por ele elaborada de que essas práticas seriam naturais e instintivas do povo brasileiro.

(1978), explorou sobre a descoberta da infância, ou seja, a separação da criança do mundo dos adultos, datando aproximadamente a partir do século XVII e que foi se desenvolvendo ao longo do tempo, a fim de conhecer essa fase da vida e as suas necessidades.

No final do século XIX, período que marca o surgimento da literatura infantil no Brasil⁵, havia uma necessidade de instruir as crianças, mas para que elas se encaixassem nos padrões estabelecidos pela classe dominante, conforme encontra-se na obra *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias* (1999), de Marisa Lajolo e Regina Zilberman. As autoras relembram que os primeiros livros de literatura para o público infantil eram obras traduzidas de escritores europeus e muitas eram adaptadas:

[...] quando se começa a editar livros para a infância no Brasil, a literatura para crianças, na Europa, apresenta-se como um acervo sólido que se multiplica pela reprodução de características comuns. Dentro desse panorama, mas respondendo a exigências locais, emerge a vertente brasileira do gênero [...] (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 21).

Uma das precursoras na tentativa de mudar essa realidade dos livros infantis nesse período foi a professora, folclorista e escritora mineira Alexina de Magalhães Pinto (1870-1921), que conforme diz o estudioso Leonardo Arroyo, em *Literatura infantil brasileira* (1968), teve participação na “reação à literatura escolar e aos velhos conceitos sobre a infância” (ARROYO, 1968, p. 257).

As obras de Alexina de Magalhães sempre foram apontadas pela crítica como livros pedagógicos, livros para serem usados nas escolas. De fato, a autora sempre teve essa preocupação, não apenas pelo motivo de ter sido professora, mas principalmente porque essa era a orientação histórica daquele tempo; há registros, por exemplo, de que seu livro *Provérbios, Máximas e observações usuais* fora adotado nas escolas públicas mineiras. Contudo, a despeito da relevância epocal da autora, podemos cogitar que uma das razões do seu esquecimento nos documentos que mencionam a história da literatura infantil brasileira deve-se a esse carácter didático que muitos estudiosos e pesquisadores deram às suas obras.

É importante destacar que muitas escritoras encontraram dificuldades nesse período, justamente por serem mulheres; e as práticas populares não eram bem vistas para a sociedade letrada. A essas questões também podemos atribuir a razão da omissão de Alexina de Magalhães em vários estudos de literatura infantil.

Diante desse panorama, é significativo admitir que a literatura infantil sempre apresentou

5 Em nossas pesquisas futuras, pretendemos nos dedicar à investigação sobre as narrativas orais dos índios brasileiros destinadas à infância. Mas já aventamos a hipótese de que, se estendemos o conceito de literatura à modalidade oral – como tem sido considerado por renomados teóricos contemporâneos – a literatura infantil brasileira não teria, de fato, surgido no final do século XIX – mas bem anterior a isso. E as produções culturais desses povos e nações indígenas que habitavam essas terras antes da chegada dos colonizadores merecem ser retiradas do esquecimento.

controvérsias na questão de conceituação. Muitos estudiosos confirmam essa problemática, como Cecília Meireles, na obra citada anteriormente. Por estar ligada a um público em constante transformação, quase sempre esteve imbricada com obras que continham um teor pedagógico e didatizante, reduzindo, portanto, a sua natureza estética.

A historiadora Flávia Guia Carnevali, em *Memória e História na folclorista Alexina de Magalhães Pinto* (2011), afirma que a autora se dedicou a um trabalho de pesquisa integralmente direcionado ao folclore. Entretanto, ousou na tentativa de aliar os preceitos da época com a cultura popular:

Foi ela quem usou pela primeira vez material folclórico na elaboração de livros didáticos, contrariando a tendência da época de excluir histórias populares e folclóricas dos livros destinados a compor a biblioteca infantil. Alexina foi inovadora ao acreditar no potencial educativo da cultura popular, mas para isso reelaborou e recriou os contos, as brincadeiras infantis e as cantigas populares à sua maneira (CARNEVALI, 2011, p. 388).

O livro *Cantigas das crianças e do povo e danças populares*⁶ (1916), objeto de estudo desta reflexão, trata-se de uma coletânea de cantigas populares, compiladas pela Alexina de Magalhães durante suas pesquisas e viagens no interior de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. A escritora ouvia as cantigas de crianças e adultos nos locais que visitava e as registrava juntamente com a sua melodia.

A partir dessa modalidade de expressão cultural, Alexina de Magalhães acreditava na transmissão da nacionalidade, na transmissão de sentimentos bons e na simplicidade do popular, ou seja, ela acreditava no que realmente poderia ser considerado nosso e na capacidade do popular de promover o saber:

[...] andam por ahi os nossos folguedos populares e infantis, as nossas scenas e canções do trabalho, todo o ‘folk-lore’ nacional brasileiro no que elle tem de mais pittoresco, mais expressivo, mais significativo (PINTO, 1916, p. 201).⁷

O livro contém 77 cantigas e é dividido em duas partes. Na primeira parte, as cantigas são divididas em: *Cantigas*; *Cantigas dos pretos*. Na segunda parte, encontramos a seguinte divisão: *Cantigas e Danças*; *Côretos*; *Côretos de Mesa*; *Côretos e bandos de rua*; *Cantigas jocosas*; *Cantigas historicas, regionais e patrioticas*. É interessante que essas divisões ressaltam as temáticas das músicas, mostrando a variedade e os possíveis contextos nos quais eram cantadas.

A presença das partituras musicais de cada cantiga torna o livro diferenciado, aumentando a relação com a música e com a fidelidade do registro. Em consonância com essa fidelidade, Alexina de Magalhães indica em notas de rodapé e em observações (apêndices) ao final do

6 Título original: *Cantigas das creanças e do povo e dansas Populares*, PINTO, 1916.

7 Neste trabalho, decidiu-se manter a grafia da língua portuguesa da forma como se encontra no livro, publicado no ano de 1916.

livro questões que ela considerou pertinentes, seja da origem ou detalhes de cada cantiga, visto que esses registros seriam de grande valor e utilidade para outros folcloristas e estudiosos de literatura popular.

As cantigas, por serem de tradição oral, passam pelas gerações e muitas vezes seus versos sofrem algumas distorções. Por também serem de domínio infantil, as crianças podem ter ampla participação na distorção delas, mas ainda assim são válidas, dado que, por não possuírem conhecimento de métrica, acabam trocando termos “ora pela lei do menor esforço, ora para pôr os versos de acordo com os seus sentimentos, ora para pô-los de acordo com a sua compreensão” (PINTO, 1916, p. 177).

A partir das cantigas, é possível conhecer os costumes, o contexto das pessoas, as festas típicas do local, as comidas, as brincadeiras, a paisagem e as crenças. Adriana Alves Leal Maranhão *et al.*, no texto *As cantigas de roda na literatura infantil brasileira* (2014), comenta sobre o efeito de diversão causado entre a linguagem e a semântica e aborda acerca das letras curtas e sobre a facilidade de assimilação que a ritmização permite. O texto comenta sobre o conteúdo das cantigas, considerando que elas são uma manifestação literária peculiar:

As temáticas evidenciadas pela literatura oral podem inicialmente denotar simplicidade psicológica. No entanto, um olhar mais atento poderá avançar e enxergar, por meio do imaginário coletivo, questões de extrema complexidade. Nesse sentido, os contos populares podem ser vistos como testemunho da psicologia coletiva, assegurado e transmitido literariamente pela oralidade. A questão da autoria no dizer desta manifestação literária também se dá de maneira bastante peculiar, sendo praticamente impossível apontar seguramente os autores. É fato, a cada novo contar do enredo, surgem novos co-autores, devido à natureza fluída do material literário em questão (MARANHÃO *et al.*, 2014, p. 124).

Alexina de Magalhães Pinto pressupunha que o canto transmitia a felicidade e era uma forma de compartilhar a sintonia com amigos e família. As cantigas serviriam como meio de memorização desses momentos: “E, agora e sempre, e, por toda a parte, e, por toda a vida, o lar, a escola, a Pátria sentireis n’alma, bem n’alma !...” (PINTO, 1916, p. 3).

A autora também fala de questões que dificultariam essa aproximação entre o popular e o infantil, como assuntos maldosos, nocivos, condenáveis nos lábios infantis que poderiam estragar a pedagogia ou o folclore. Assim, no seu trabalho de seleção, ela também se preocupou em “consertar” as cantigas, mas nunca sem ser devidamente registrado. Sobre esse papel de mediação da escritora, Flávia Carnevali, em *Folcloristas e cultura popular: desigualdades e subjetividades na construção da identidade nacional brasileira na ‘Belle Époque’* (2009), faz um comentário com relação ao fato que, para compor o folclore, é necessária a fidelidade total aos textos originais, mas essa cultura “está presente nas grandes cidades, em livros didáticos, transformada por uma série de mediações” (CARNEVALI, 2009, s/p).

Cantigas como *Therezinha de Jesus*, *Sapo Jururú*, *Eu vi uma barata*, *Peixe Vivo*, *O cravo e a rosa* e tantas outras (presentes no livro da Alexina de Magalhães Pinto ou não) marcaram a infância de muitos e ainda podem marcar a infância de outros que, ao escutá-las, se lembrarão dos momentos vividos e compartilhados com as pessoas que lhe são próximas.

Os cantos populares despertam o gosto de ler e ouvir histórias, incitando a criatividade e viabilizando o sentimento estético que a arte fornece: prazer e formação.

Em um estudo recente, Zena Eisenberg e Cristina Carvalho, *As Músicas Que Cantamos Para Nossas Crianças: O Que Dizem?* (2011), discutem o fato de alguns autores apresentarem a categorização das músicas a partir de uma análise superficial do conteúdo e evidenciam a falta de estudos mais sistemáticos das letras e dos valores culturais dessas produções. Nesse trabalho, as autoras também enfatizam que muitas das canções mais antigas realçam os costumes tradicionais e características de uma sociedade mais conservadora, podendo transmitir essas marcas às crianças, de forma não intencional.

O trabalho de Eisenberg e Carvalho (2011) selecionou várias cantigas para serem analisadas, constatando que há uma frequência de temas amorosos em muitas delas. Entre essas selecionadas pelas autoras, duas estão presentes no livro da Alexina de Magalhães, são elas *Therezinha de Jesus* e *Peixe Vivo*. Sobre a primeira, o texto destaca que essa cantiga apresenta os valores tradicionais da mulher, como o de submissão aos homens. Segue a cantiga “*Therezinha de Jesus*” retirada do livro *Cantigas das crianças e do povo e danças populares* (PINTO, 1916, p. 64):

Therezinha de Jesus

Therezinha de Jesus
De uma queda foi ao chão;
Acudiram tres cavalleiros,
Todos tres, chapéu na mão:

O primeiro foi seu pae,
O segundo seu irmão
E o terceiro foi aquelle
A quem ella deu a mão.

Therezinha levantou-se,
Levantou-se lá do chão
E, sorrindo, disse ao noivo:
<Eu te dou meu coração!>

Sobre a segunda música, as autoras apontam sobre o fato de conteúdo abranger a necessidade de uma pessoa precisar de outra para viver, remetendo ao casamento. Afirma também que, em uma versão contemporânea, o trecho “os pastores fazem zombaria” foi trocado por “os pastores fazem prece noite e dia”, relatando que a cantiga perdeu o tom sarcástico que

continha em sua versão tradicional. Segue a cantiga retirada do livro da Alexina de Magalhães com um outro título “Como póde viver o peixe” (PINTO, 1916, p. 134-135):

Como póde viver o peixe

(Corêto de mesa)

Como póde viver o peixe
Sem ser dentro d’agua fria,
Assim posso eu viver
Sem a tua companhia.

Sem a tua, sem a tua,
Sem a tua companhia.

Os pastores desta aldêa
De mim fazem zombaria,
Por me verem andar chorando, (bis) (1)

Sem a tua, sem a tua,
Sem a tua companhia.
Hip!...hip!...hip!
Hurrah!!...

É relevante considerar que as cantigas apresentadas não parecem se referir, *ipsis litteris*, ao casamento. A ideia de que é ao matrimônio que se remeteriam deve-se ao fato de que, nos moldes burgueses, para se viver uma relação amorosa com alguém, presumia-se este tipo de união. Assim, o conteúdo de muitas cantigas revela valores sociais conservadores de uma época.

Este trabalho pretendeu refletir, brevemente, sobre o fato que as narrativas dirigidas ao público infantil – especificamente, as cantigas populares coletadas por Alexina de Magalhães Pinto – no final do século XIX e início do século XX ainda são textos que atraem as crianças e são lembrados por muitos adultos do presente século.

A arte literária articulada às canções pode oportunizar experiências estéticas instigantes e incomparáveis, conjugadas a uma possibilidade de interpretação do mundo e das coisas em dimensões diversas. As canções populares podem possibilitar diferentes interpretações e reflexões, que vão desde o lúdico e o mágico ao social e ao político. Cada cantiga possui suas características, suas peculiaridades. Cada uma vai despertar uma brincadeira, uma fantasia e vai ensinar sobre diversos acontecimentos, visto que elas trazem a bagagem do nacional, a sensibilidade dos povos, as alegrias, tristezas e saudades que contribuíram na constituição do que somos hoje.

Acrescente-se que, com base nos estudos que temos feito, percebe-se que as canções mais antigas servem de base para a criação de outras ou sofrem reedições, como é o caso de muitas coletâneas musicais na atualidade, que apostam numa produção cultural via mídia e são

sucesso no mercado. Ressalta-se, inclusive, que algumas canções ainda podem contribuir para a construção de narrativas ficcionais.

Valorizar esses textos resgatados faz parte da recuperação da memória nacional e, principalmente, possibilitam-nos reconhecer uma escritora que fez parte da construção da literatura infantil brasileira, pois é a partir dessa literatura que se constitui o primeiro contato do ser humano com o mundo literário.

As cantigas continuam unindo gerações e perpetuando a memória coletiva. Recuperar a literatura flutuante é garantir que ela não se perca no tempo, diante desse mundo contemporâneo cheio de transformações.

Como conclusão deste breve texto evocamos as afirmativas das pesquisadoras Rita de Cássia Silva Dionísio Santos e Maria Zilda da Cunha no texto “*Opera Lyrica Nacional*”: das Minas Gerais para o folk-lore brasileiro e a bibliotheca infantil: “O folclore migra para o livro; e é do folclore que emergem, portanto, os fenômenos literários com que nos deparamos nas *Cantigas*” (SANTOS; CUNHA, 2017, p. 17).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renato. Literatura Infantil. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.) **A literatura no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. v. 6, p. 200-222.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

CARNEVALI, Flávia Guia. Folcloristas e cultura popular: desigualdades e subjetividades na construção da identidade nacional brasileira na ‘Belle Époque’. **RITA (Revista Interdisciplinar de Trabalhos sobre as Américas)**, n. 2, s/p. 2009. Disponível em: <<http://www.revista-rita.com/traits-dunion-thema-34/folcloristas-e-cultura-thema-11149.html>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

CARNEVALI, Flávia Guia. Música popular, Memória e História na folclorista Alexina de Magalhães Pinto. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Universidade Federal de Uberlândia, v. 24, n. 2, p. 385-401, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/13207>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2012. (Edição digital)

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise**. São Paulo: Quíron, 3. ed. Refundida e ampliada, 1984.

EISENBERG, Zena; CARVALHO Cristina. As Músicas Que Cantamos Para Nossas Crianças: O Que Dizem? **Cadernos de Educação**, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, v. 40, p. 175-195, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/2113/1950>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

MARANHÃO, Adriana Alves Leal; SÁ, Joane Leôncio de; MELO, Mônica dos Santos. As cantigas de roda na literatura infantil brasileira. **INTERSEMIOSE** - Revista Digital do Núcleo de Estudos de Literatura e Intersemiose (NELI), Ano III, n. 05, jan./jun., 2014. Disponível em: <<http://www.neliufpe.com.br/wp-content/uploads/2014/08/10.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2018.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 1979.

PINTO, Alexina de Magalhães. **Cantigas das crianças e do povo e danças populares**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1916. (Coleção Icks. Série A.)

ROMERO, Sílvio. **Contos Populares do Brasil**. 2. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Clássica de Alves e Comp., 1897.

SANTOS, Rita de Cássia Silva Dionísio; CUNHA, Maria Zilda da. “**Opera Lyrica Nacional**”: das Minas Gerais para o folk-lore brasileiro e a bibliotheca infantil. *RECORTE*, v. 14, n. 2, p. 1-19, jul./dez. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/4199>>. Acesso em: 28 mai. 2018.